

O PATINHO ELMER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA E PRÁTICA DO OUTRO NA LITERATURA INFANTIL

JOSÉ FRANCISCO DURAN VIEIRA¹; MARIA DE FÁTIMA DUARTE MARTINS²

¹*Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Matemática e Ciência da Universidade Federal de Pelotas, e-mail: jf.duran1963@gmail.com*

²*Prof.ª Dr.ª da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, e-mail: duartemartinsneia@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Tão antiga quanto a própria humanidade, a homossexualidade parece narrar com sua história uma outra história, pertencente a uma via clandestina, subterrânea e muitas vezes torturada pela própria espécie humana, como se fosse uma versão desautorizada da trajetória oficial do ser humano.

Por dentro desse cenário foram construídas as historicidades desses sujeitos e não se definiram claramente os termos homossexualidade e homossexualismo, assim como diferença e diversidade. Tais expressões perpassam por dicotomias que advêm desde a visão clínica às marcas identitárias e culturais. Muitas vezes narráveis como sinônimos, essas falas recopilam e estreitam uma luta histórica que meramente levam a um único fio condutor: a normalização.

Nessa perspectiva perpassa também a literatura infantil, na qual personagens “gays” situam-se bem distantes da infância e quase nem existem nesse universo literário. Encontra-se ultimamente literatura que aborda essa temática, porém direcionada para o público infanto-juvenil. A homossexualidade deveria ser abordada já na infância, não como algo ilegal, pejorativo ou com posições fundamentalistas de valores morais e religiosos, mas como outras formas de amar, de viver, de se gostar, como algo da nossa vida, decorrentes de conquistas de ações afirmativas como casamento igualitário, constituição familiar e das inúmeras multiplicidades de vivências nesse universo.

Para isso, podemos usar a literatura como uma possibilidade de instrumento de abordagem da homossexualidade no ambiente escolar, aproveitando a história para explorar esses sentimentos e evitando preconceitos e a homofobia. Para tanto, este artigo traz uma análise do livro “The Sissy Duckling” decorrente de uma releitura da fábula estrangeira da história infantil “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, na qual Fierstein dá um novo estereótipo ao personagem. Concomitantemente a essa narração, descrevemos sucintamente um projeto que envolveu uma turma de aproveitamento de estudos do Curso Normal Habilitação em Educação Infantil e Anos Iniciais do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, situado na cidade de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

O projeto intitulado Escola sem Homofobia: reflexões na formação do(a) aluno(a) no Curso Normal envolveu duas turmas de aproveitamento de estudo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil – IEEAB - e duas turmas do Curso Normal Formação em Educação Infantil do Colégio Municipal Pelotense – CMP -, na qual leciono Didática de Matemática.

As duas turmas do IEEAB ficaram responsáveis pela organização do grupo de pesquisa e as temáticas foram debatidas em sala de aula. Os temas sugeridos foram: Homossexualidade X Religião; Homossexualidade X Política,

Homossexualidade X Escola; Homossexualidade X Família. O projeto tinha como objetivos: pesquisar e apropriar-se sobre as temáticas propostas; relacionar os contextos pesquisados numa aprendizagem dinâmica e significativa para sua formação profissional; assistir e debater o filme “Orações para Bobby” que aborda temáticas que envolvem a família, religião, política e a diversidade sexual; possibilitar e estabelecer um amplo debate sobre gênero, identidade de gênero e diversidade sexual dentro do espaço escolar.

Como a exploração da literatura ocorreu no IEEAB, nos detivemos a descrever a parte do projeto que se desenvolveu nessa escola. Primeiramente as alunas deveriam se dividir em grupos, selecionar um dos temas e pesquisar sobre a temática escolhida para posteriormente transcrever essa pesquisa para a parte externa do armário, de forma artística. Nesse intervalo de tempo, discutimos vários pontos sobre a homossexualidade através de textos, vídeos e do filme “Orações para Bobby” produzido para a televisão, baseado no livro homônimo de Leroy F. Aarons e dirigido por Russell Mulcahy.

A apresentação de todos os armários aconteceu no ginásio da escola, nos três turnos para que todas as turmas comparecessem. Os grupos de alunas responsáveis pela execução do projeto e pela pesquisa realizada ficaram ao lado dos seus armários, convidando os participantes a interagirem com a obra enquanto elas explanavam sobre a temática. As pessoas eram convidadas, inclusive, a entrar na obra, e com o uso de uma caneta-pincel podiam escrever suas opiniões nas paredes dos armários. O grupo que escolheu Homossexualidade X Família, em vez de usar um armário ou de construir um com madeira reciclada (como os outros grupos fizeram), inovou fazendo um “provador de roupa” ao invés de um armário. A proposta do grupo foi utilizar a história de Elmer – “The Sissy Duckling”, a versão gay da famosa fábula de Hans Christian Andersen - “O Patinho Feio”. A ideia foi confeccionar, utilizando a técnica de dobradura, patos de vários tamanhos, destacando através de um deles o personagem de Elmer: o patinho Sissy. Ao lado dos patos dispostos no formato de mólide estava a história impressa, colorida e traduzida para quem quisesse ler. Dentro do “provador de roupa” o grupo disponibilizou, através de cabides, vários acessórios que poderiam ser utilizados e provados, como: gravatas, perucas, sapatos femininos e masculinos, acessórios para o cabelo, óculos, saias, camisas, batons, pulseiras, brincos etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os discursos que transcendem entre a homossexualidade e a normalidade perpassam além dos estereótipos construídos entre esses sujeitos nomeados, pois decorrem de vertentes socioculturais com perspectivas e ambivalências que transgridem limites que o ser humano tolera dentro de normas estabelecidas muitas vezes de forma discriminatória, racista e de intencionalidades equivocadas de eugenia, direcionadas a um público de massa que é manipulado pela midiática excludente da sociedade. A homossexualidade desperta o mais puro ato repulsivo. Atrelada à sexualidade, ela defronta, ela deflagra e transita no íntimo da espécie humana.

Segundo MOTT (2001), os rótulos herdados denunciam e irrompem inclusive as mais baixas injúrias:

Nos últimos quatro mil anos, nas diferentes civilizações que serviram de matriz à cultura ocidental, a homossexualidade foi rotulada por diversos nomes atrozes que refletem o alto grau de

reprovação associado a esta performance erótica: abominação; crime contra a natureza; pecado nefando; vício dos bugres; abominável pecado de sodomia; velhacaria; descaração; desvio; doença; viadagem; frescura, etc.

A literatura pode vir como um viés multiplicador de outros caminhos e outras visibilidades, principalmente para a infância, através do uso da fantasia, da imaginação, com outras formas de amar e de constituir família, dando uma visibilidade afirmativa que desestabilize verdades pré-concebidas. Só então a homossexualidade passa de excêntrica e exótica para cultural.

BAUMAN (2012) afirma que

O conceito de cultura, portanto, transcende o dado imediato, ingênuo, da experiência privada – a natureza inclusiva e autossustentável da subjetividade. O nível de sofisticação a que ele eleva a autopercepção da condição humana é retirado do solo plano da ingenuidade de senso comum pela diferença quantitativa entre indivíduo e comunidade humana.

Historicamente em sua trajetória, os homossexuais herdaram marcas introyetadas desde uma visão patológica a vivências marginalizadas e violentas que a mídia contribuiu para difundir como se fossem culturais. Praças, banheiros públicos, becos e cinemas, entre outros locais, eram espaços ocupados antigamente e até hoje o são pelo público gay, reforçando esse estereótipo e colocando esse público à margem do convívio social. Mas isso não é cultura gay, é uma marginalização de uma cultura através de uma mídia muitas vezes tendenciosa. Precisamos de ações afirmativas para aduzir e dar mais visibilidade à comunidade homossexual, e também debater em todas as instâncias, principalmente no ambiente escolar, a relação e as interpretações que fazemos sobre sexo, gênero e identidade de gênero.

4. CONCLUSÕES

Percebemos assim a importância de desenvolver este projeto destinado a desenraizar a homofobia na sociedade, principalmente no ambiente escolar com alunos e professores, pois no ensaio de discutir a orientação sexual de cada indivíduo, a instituição de ensino é um dos elos nas ações constitucionais e para tanto deve promover a ampliação do respeito às diversidades, construindo um meio social mais digno e com menos violência. No final do evento as palavras e as frases deixadas nas paredes dos armários ainda deixavam vivas e pulsando as emoções vivenciadas naquele dia: respeito, união, amor, dignidade, direitos etc. Para nossa surpresa, o evento superou as expectativas, mas ao mesmo tempo nos fez refletir o quanto a escola quer falar, quer expressar seus corpos, suas vontades, seus desejos e sua sexualidade, pois independentemente da idade, da raça e da condição social, todos estavam representados ali, entre as linhas cruzadas de uma escrita e outra, como se mostrassem caminhos, possibilidades e esperanças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DIAS, Roberto M. **O princípio, o mocinho ou o herói podem ser gays: a análise do discurso de livros infantis abordando à sexualidade.** Porto Alegre: Escândalo, 2013.
- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. Os Nomes dos Outros. Reflexões sobre os Usos Escolares da Diversidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 163-177, 2000.
- EWALD, François. **Foucault: a norma e o direito.** Lisboa: Vega, 1993, p.77 – 125.
- FELIPE, Jane. Infância, Gênero e Sexualidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 115-131, dez-jan/jul, 2000.
- FIERSTEIN, Harvey. **The Sissy Duckling.** New York: Simon & Schuster Books, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- LOURO, Guacira L. **Currículo, Gênero e Sexualidade.** Porto: Porto Editora, 2001.
- MOTT, Luiz. A revolução homossexual: o poder de um mito. **REVISTA USP**, São Paulo, n.49, p. 40-59, março/maio 2001. Acessado em 15 abr. 2015. Online. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/49/04-luizmott.pdf>
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença.** São Paulo: USP, Editora 34, 2000.
- PINTO, Manuel da C. **Sexualidades pós-modernas.** 2010. Acessado em 28 de abr. 2015. Online. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/sexualidades-pos-modernas/>
- SANTOS, Rick. Subvertendo o Cânone: literatura gay e lésbica no currículo. In: **Gragoatá**. Niterói, n. 2, p. 181-189, 1º sem, 1997.
- SILVA, Tomaz T. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SILVEIRA, Rosa M. H., KAERCHER, Gládis E. da S. Dois papais, duas mamães: novas famílias na literatura infantil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1191-1206, out./dez, 2013.
- UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...** Acessado 28 de abr. 2015. Online. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>
- UTZIG, Ingrid L. de A.; FERREIRA, Rodrigo A. **Literatura Gay como visibilidade à comunidade LGBTTT.** 2014. 20p. Artigo de conclusão de curso de Licenciatura plena em Letras. Acessado em 28 de abr. 2015. Online. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/larautzig/literatura-gay-como-visibilidade-comunidade-lgbttt>
- VILELA, Eugênia. Corpos inabitáveis. Errância, Filosofia e memória. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Orgs.). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 233–353.